

TÓPICOS ACERCA DO MULTICULTURALISMO E DO CAMPO DOS MÍDIAS*

Júlio César de Souza TAVARES**

UFF - UnB

- I -

Multiculturalismo: Uma Nova Onda?

O grande desafio da sociedade futura será a questão multicultural, aquela que trata do convívio entre os diferentes olhares étnicos. O desafio encontra-se no fato de um determinado espaço, e em especial o espaço urbano, poder ser habitado de maneira multicultural sem que atritos no campo da alteridade e da identidade instabilize este conflito.

O mundo da vida do planeta tem modificado o seu rosto e, cada vez mais, ampliado sua fronteira para além dos limites habituais. Na nova dimensão de espaço que daí se deriva uma nova concepção de tempo também e instalada, e este fato tem permitido tornar mais densa a capacidade do animal humano produzir signos e, conseqüentemente estabelecer um regime de comunicação a partir de então.

É deste contexto que nasce a forte tendência para o intenso relacionamento entre a prática política e as questões

(*) Paper preparado para a XVIII Conferência da Associação Internacional de Pesquisadores em Comunicação de Massa. Guarujá, Agosto/1992.

(***) Professor de Linguagens Não Verbais e Teoria da Comunicação do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense; Bacharel e Licenciado em História (UFF) e Mestre em Sociologia da Cultura (UnB).

étnicas, através do qual, as formulações que procuram dar conta das expressões de diferenças e singularidades, de alteridade e identidade apontam para um novo contrato de ordenação social.

O grande encontro multicultural pode se tornar a mais nova utopia do terráqueo, embora as mobilizações neste sentido tenham sido, até o presente momento, pouco significativas, sendo portanto necessário um forte impulso, de maneira que as diferenças étnicas possam ser ultrapassadas, e não mais dissimuladas ou dissolvidas em nome de um projeto quer seja ele autoritário ou centralizador.

No entanto, o selo multicultural não coaduna com as postulações neoliberais que tomam o mercado num sentido restrito, incorporando nele todo o resultado material e produtivo desta sociedade, conduzindo até as últimas conseqüências o modo de produção de mercadorias de consumo.

Numa sociedade liberal temos a excrecência de toda categoria que seja responsável pelo ordenamento do campo da cotidianidade como é o caso das **imagens**, dos **objetos**, do **corpo** e do **espaço**. Na sociedade liberal tudo deve ser submetido à condição mercantil e, por conseguinte, deva ser transformado em mercadoria.

O tempo encontra-se na base de cada uma destas mercadorias e se transforma em condição monetária de produção, capacitando-se na função de submeter toda engrenagem ou agenciamento de solidariedade ou as forças do mercado ou as contingências do consumo.

Contudo, apesar da lógica e da retórica liberal capitalista, a questão colocada pelo que chamaremos doravante de utopia multicultural e, acima de tudo, uma ação produtora de subjetividades, e como tal, atitude marcante e decisiva no processo de socialidade e relacionamento dos agentes sociais.

Desta maneira, a ação multicultural como ética decisiva no relacionamento entre os sujeitos sociais, realiza a sua interação,

estimulando-os pela via da comunicação intercultural a interagir e a buscar dispositivos que assegure identidades interculturais e como tal, o aprofundamento da própria comunicação humana.

- II -

O Etnocentrismo: obstáculo para uma Ética Comunicativa.

O etnocentrismo e os esteriótipos formam o campo das noções que demarcam o Mesmo, ao menos no instante em que a fala deste é pronunciada ou a intenção de fazê-la se constitui. É importante que brote o contrário do que é dito para que a idéia daquilo que é o não-dito seja percebida e fixada.

Na fala do Mesmo diante de si, se funda o Outro. O efeito comunicativo e interacional deste processo tem gerado, invariavelmente, o racismo cultural ou etnocentrismo, que através do recalque, da opressão e da castração tem marcado o campo da alteridade ocidental.

Os sujeitos sociais nos centros urbanos, submetidos às pressões das megacidades convivem com uma diversidade de constrangimentos, tais como as "diferenciações" e os preconceitos de toda ordem. Espera-se alguma transformação nessa característica urbana da vida, de modo que as diferenças possam ser admitidas e os preconceitos ultrapassados. Nos diferentes grupos constituídos e existentes nesse nosso cotidiano severo e servil, um sem número de imagens e subjetividades de natureza econômica e simbólica são, permanentemente, veiculadas por intermédio de imagens, representações, ícones e emblemas. A partir destes campos de efeito são constituídos os planos de referencialidades que enunciam projetos e metas.

É neste plano semântico que a identidade étnica é elaborada na condição de mediadora do Mesmo com o Outro cultural. Ela é a linguagem que escreve os limites e as fronteiras

entre o Mesmo e o Outro, e, por isso o seu mapa parte de uma cartografia que a situa no contraste com a narrativa étnica já existente. Posteriormente, organizada a referencialização externa, em relação ao Outro, a ação que visa diferenciar, afirma e torna positivo o processo de singularidades.

O que se oculta é o "estado de luta das classificações", lugar de condensação onde a auto-estima é recuperada na celebração dos referenciais ancestrais que mantêm em atividade as classificações mentais que agenciam as semioses deste processo.

A auto-estima surge desta luta e conduz o Mesmo a uma representação e a uma reflexão de si no encontro com a auto-referência (e com o seu centro psico-físico) que será tanto maior quanto mais transparente e efetiva esta auto-estima conseguir ser.

Esta procura da dialética do Mesmo e do Outro é muito intensa no filósofo italiano Emmanuel Levinas, ao afirmar que "A verdade como modalidade da relação entre o Mesmo e o Outro não equivale a opor-se ao intelectualismo, mas a assegurar a sua aspiração fundamental, que é o respeito ao ser que ilumina o intelecto".

Esta relação iluminadora é aquela que é responsável pelo sentido que fora gerado daquela relação de origem e através de suas marcas na exterioridade do Outro e na interioridade do Mesmo. O discurso deste encontro não está marcado pelo efeito alterador da intuição ou do pensamento, nem tampouco se reduz a uma expressão sensorial, pois é na linguagem e pela linguagem que o Mesmo e o Outro realizam suas ações e atividades, e por elas, suas relações. É nesse campo de linguagem que se garante o jogo político das hegemonias nos atos rituais, quer dos indivíduos, quer das relações comunicativas.

Atos comunicativos do Mesmo e do Outro são agenciamentos que operam com componentes semiotizadores (que são agentes de sistemas sígnicos) e atuam nas linguagens interativas do Mesmo com o Outro, como nas novas subjetividades

ou como nas novas representações imagéticas, isto é, como nos novos olhares sobre o mundo da vida ou como nos significantes que o conduz.

A circulação destes agenciamentos nos revela que, embora constituídos de singularidades na ordenação de uma identidade étnica, os agentes e os agenciamentos sociais terão seus territórios instalados no terreno do adversário. Seus componentes semiotizadores serão elaborados no interior dos agenciamentos capitalísticos e, por ele, serão irradiadas as energias dos estigmas e dos esteriótipos.

Este cenário apresenta um tom de irreversibilidade e de certa maneira, um sentido de redundância já que a linguagem de exclusão aparece como uma marca estrutural do próprio ato da fala, e portanto uma condição da própria comunicação e da língua.

Mas, por outro lado, vamos introduzir a seguinte questão: será possível que se constitua um ato comunicativo que transpareça a ausência do Mesmo sobre o Outro ?

Ora, responder a esta questão é recorrer ao desejo secular, projetado num devir multicultural, formação dinâmica e fractalmente integradora dos mais diferentes enunciados civilizatórios e culturais.

Neste projeto, a concepção libertária do Mesmo e do Outro segue acompanhada de um despojamento ilimitado sem o qual, qualquer propósito de construir uma nova "imagerie" do corpo mental de classificações se verificaria impossível e o confronto com o Mesmo se estabeleceria como inevitável. Em outro sentido, curvando-se às racionalizações do imaginário de um determinado grupo que se submete ao recalçamento, e como tal, a desfiguração do processo histórico naquilo que é, exatamente esta prática de diferenciação.

Corolário deste processo é o caso brasileiro com um elenco infindável de categorias e atos de fala que consiste na celebração do sincretismo e do mestiçamento. Na verdade os atos

derivados deste modelo são de um ostensivo e sutil efeito sobre o imaginário popular e afroindígena, principalmente, mas que tem como centro de referência, a Imagerie daquela minoria branca, patrimonial, oligárquica e estamental que desde sempre se instalou no poder. É deste modo que a expressão da diferença é recalcada e a desigualdade racial e social preservada.

Também é desta maneira que se oculta aquela reconhecimento dos sujeitos envolvidos nos agenciamentos étnicos subordinados-índios e afrobrasileiros- e que, gradualmente, reterritorializam os valores simbólicos na celebração do patrimônio das suas culturas. Através da pessoalização e da presentificação destes sujeitos um duplo vínculo é realizado de maneira efetiva, seja ele na auto-estima ou seja no encontro que ela proporciona entre o Eu imaginário e o Eu real.

Em tese, o convívio com a diferença, traduzido pelo apologético apelo ao mestiçamento e a mestiçagem, nos aproxima, se guardada as devidas proporções, a uma pragmática interativa e multicultural, que por outro lado, não deve ser negada. Tem este mecanismo sua positividade e eficácia na medida que cria, apesar da deformação, um procedimento ambíguo e diferencial. Claro está também, que este processo realiza uma narrativa repleta de simulações, evasivas e subjetividades, que atravessará toda a esfera pública das sociedades de massa.

- III -

O Campo dos Mídias: jogos de linguagens e de imagens.

Denominaremos de acordo com o teórico e crítico português Adriano Duarte Rodrigues, como "campo dos mídias", a este campo de articulação das sociedades, que, como muitos outros campos que compõem o social, é autônomo em relação às práticas sociais e, portanto, construtor de um discurso fechado

sobre si próprio, o que transforma numa engrenagem produtora de modelos imaginários.

Sua produção de discursos lhe define legitimidade como grande máquina fabricante de modelos discursivos que com sua estratégia, neutraliza as diferenças provenientes das segmentações que o campo dos mídias reproduz.

Segundo ainda Adriano Duarte Rodrigues, o campo dos mídias poderia ser sintetizado a partir do seu agir comunicativo sustentado pelo tripé seguinte: discursividade, narratividade e tecnologia. A discursividade, na medida que pelo discurso se instaurou a forma objetivante de seu projeto e por onde este adquiriu legitimidade como instituição; narratividade, pois é parte integrante de uma Grande Narrativa, articulação maior dos discursos e desejos do social e derivados de outras instituições. Por fim, tecnologia como fator de otimização, mas ao mesmo tempo, de produção de novas seduções e desejos.

As máquinas midiáticas vem auxiliando o ressurgimento das velhas questões que durante muito tempo pensávamos nelas como coisas do passado, como o nacionalismo, o regionalismo e o racismo.

Tais questões ressurgem em meio às crises de governabilidade desencadeadas pela descolonização socialista ou pela transumância de grandes proporções que tem caracterizado este final de século. O cenário mundial desta maneira nos revela um panorama marcado pelo movimento de retomada das tradições regionais, nacionais e humanísticas articuladas a um projeto de modernidade seja na Europa, na Ásia, na África ou nas Américas.

O campo dos mídias nos países do hemisfério Norte tem encontrado na sua ação, uma série de obstáculos, isto se ela se articula à política de monopólio e a uma prática de hegemonia. Ocorre que as representações dos grupos minoritários conquistaram primeiramente espaço no campo midiático, e através dele emitiram suas imagens. Tal demonstração vem ocorrendo desde décadas,

nas quais afroamericanos nos EUA, através de algumas emissoras de rádio, T.V. e filmes, estabeleceram parte do controle de emissão do seu próprio sinal imagético, com foco, luzes e vozes próprias e, sobretudo, utilizando-se de suas próprias normas somáticas de geração de imagens.

Na abordagem midiática, narratividade, discursividade e tecnologia ficaram sobre controle em determinados espaços do território capitalístico. Isto tem sido possível, na medida que o universo simbólico afroamericano conseguiu ser elaborado, produzido, veiculado e, sobretudo, semiotizado por intermédio de sua própria linguagem. O mito da identidade foi então reinventado de forma que o "sonho americano" pudesse ser examinado através da auto-estima, e, em meio ao turbilhão de signos que inflacionam e poluem o mundo da vida cotidiana de nossas sociedades pós-industriais.

A retórica de imagens consubstancia um ideal afroamericano de nacionalidade no qual o jogo de linguagem estabelecido pelos falantes e os atos de fala daí decorrentes, constrói um legado patrimonial de sua significação, neste mundo onde predominam as hegemonias culturais e cognitivas que articulam as semioses do grupo étnico branco.

É desta maneira que a cultura afroamericana constrói uma paisagem visual sobre o sólido território do imaginário do centro capitalístico-liberal do planeta, e constitui, desta forma um patrimônio simbólico por intermédio de fragmentos sígnicos. No que pesa a sua ação significante e ao seu efeito psíquico produzem uma brecha no oceano de significações da cultura dominante, bem como, de forma exemplar para as culturas étnicas periféricas que navegam na pedagogia da ação comunicativa, quer no centro capitalístico, quer na margem, como os países do hemisfério Sul.

Nestes países, especialmente na América do Sul, o processo de constituição de uma paisagem visual midiática tem sido bem diferente daquela que foi exposta mais acima. No que

pese a herança recebida, temos um Estado que é impulsionado por uma ação residual que repousa na estrutura colonial, patrimonial, corrupta, escravagista e autoritária. A existência de uma única língua num país com dimensões continentais não ajudou a dissipar as heranças coloniais, nem muito menos tem revelado uma solução para aqueles problemas de maneira expressivamente unificada.

Mais do que em qualquer outro lugar do planeta, o campo dos mídias tem servido ao Brasil como cenário narrativo de um infeliz desfile de imagens e significados que reduz os sujeitos à condição passiva de expectador desta ficcional realidade ilusória, que como na "Rosa Púrpura do Cairo" faz despencar a fronteira do real com o ficcional.

Como em qualquer lugar os equipamentos midiáticos são objetos mediadores do real e dos sujeitos, e como tais, aparecem fenomenologicamente, na condição de geradores do conhecimento, e como produto da relação tecno-científica deste sujeito com o real.

- IV -

A Imagem do Corpo ('SOMATIC NORM IMAGE').

Este real é representado no corpo das imagens que constitui a imagem classificada por um Mesmo ou um Outro, fato que a torna substantiva e clara, formando-se, desta maneira, um corpo que se traça e se trança. A imagem do corpo é um corpo de imagem.

A imagem do corpo é um componente importante na organização e edificação da sociedade e das subjetividades e também é, semiologicamente, suporte de signos. Signos que são elaborados a partir de um jogo tenso de hegemonia, onde a dominação política e a distinção social enunciam o sentido desta imagem. Nesta sutura sgnica se constitui um efeito de deslocamento

com duas de suas referencializações - dominação e distinção - responsáveis por estabelecer sua lógica, que consiste na ação sgnica a partir da hegemonia entre os diferentes grupos.

Esta imagem do corpo é um complexo de características físicas ou somáticas que são aceitas por determinado grupo como sua norma e seu ideal. Segundo Harry Hoetink, no seu livro em 1967 denominava como conceito 'somatic norm image', esta idéia. Ele a entendia como herança espiritual do grupo, pois cada grupo cultural ou racial é portador da sua própria 'somatic norm image', ou na nossa versão, cada grupo é portador de uma imagem do corpo e considera a sua como superior das demais comunidades.

Esta característica se baseia na ordenação psíquica dos sujeitos sociais e na consciência individual, na qual ela é uma extensão do social sendo uma parcela dele no pensamento do grupo. Esta imagem possui uma norma psico-social, demonstrada pelo fato de que sem ela não seria possível se ter vaidade ou ser vaidoso.

Um adolescente por volta dos quinze anos, identifica a imagem do corpo na sua relação social, e a identifica como ação integradora de sua identidade social. Ela será após sua constituição um fator importante nas suas relações de contatos pessoais e atitudes após a adolescência. Mas numa sociedade racialmente segmentada começará aí a constituição de posturas e atitudes que condicionarão os problemas raciais.

É neste momento que um grupo começa demarcar suas diferenciações corporais em relação ao Outro. Numa sociedade fragmentada teremos o fato das imagens hegemônicas fornecerem padrões de belezas mais definitivos, ou seja, referidos a noções como 'boa aparência', por exemplo.

Este é o momento da adesão à moda e também aos padrões estéticos da indústria cultural. É aí que os jovens negros, amarelos, índios ou de outras etnias começam a perceber suas singularidades somáticas tais como seu nariz chato, seus lábios

grossos, diferenças epidérmicas, olhos 'rasgados', 'ausência' de quadris, etc.

Todas estas diferenças percebidas como negatividades tornam-se recalcamientos, e existem na medida que um caminho de comparação com o corpo do Outro, especialmente se o Outro se identifica com aquele que simboliza o Estado, a Nação, o País. Esta macrodimensão, esta abstração política configura e produz como seu ícone e emblema a imagem do corpo que corresponde a um tipo de sedução, a um tipo de apelo, a um tipo de motricidade, a um tipo de humano, a um tipo de padrão, e que passa a se constituir na norma para toda imagem do corpo. Esta é a retórica social do corpo, que configura um conjunto de atos de fala-gestual - atitudes, práticas, esquemas e ritmos - e que estabelece uma narrativa não verbal do social.

As dominações e hegemonias estabelecidas por grupos sociais e étnicos se tornam presentes através de instituições e de seus rituais. Este ritual é possuidor de uma base motora, fisiológica e se exterioriza através de recursos particulares que oscilam da fruição 'sacra', bélica, política para o plano caracteristicamente lúdico.

A base fisiológica dos rituais nos ajuda a compreender o desenvolvimento das posturas e ritmos nas instituições bem como a constituição de individualizações, pautadas pela 'somatic norm image'. Indo mais adiante, diremos que a imagem do corpo de um grupo dominante é a das somaticidades que lhe são inerentes. Produz sua visão retórica preferencial que as imagens são capazes de produzir.

As práticas corporais são efeitos da consciência coletiva, podendo também pertencer aos campos das causalidades, como no caso da memória motora. Através dos esquemas posturais e das hegemonias corporais veiculadas pelos meios de comunicação, os esquemas sociais de comportamento de base fisiológica se atualizam, se reificam e se transubstanciam nos atos comunicativos geradores de imagens corporais ou corpos imagéticos.

A Paz Mundial e os Cenários Multiculturais Futuros.

Dito deste modo, a produção de imagens é um caminho de mão dupla podendo servir tanto para a dominação ou para a descolonização. Nesta linha haverá portanto um duplo desafio a vencer, pois se trata de uma ação comunicativa que visa ultrapassar as injunções que reproduzem as formas de dominação e de opressão cultural adotando como objetivo a descolonização das culturas pela via da Comunicação e da Educação.

A Educação, neste caso, é sem dúvida, o maior desafio da Comunicação, pois é por onde se instalaria a crise que romperia com a mídia das imagens somáticas normativas que marcam as submissões, as servidões e as esquizo-ações.

Por isso, nesta reflexão teórica evidenciamos algumas dúvidas e algumas 'quase-certezas' com respeito ao fato da Paz Mundial. Esta velha utopia e contraparte do devir multicultural, talvez a mais antiga de todas as utopias, nos remete ao hedonismo edílico da volta ao paraíso, e que também é um retorno ao útero.

Seu reaparecimento diante das fractalidades das culturas, das subjetividades agenciadas, das imagens e da inflação de signos, se deve à necessidade de reafirmar a utopia multicultural frente a guerra cotidiana instaurada nos dois hemisférios do planeta. Somente com a paz mundial, um projeto de multiculturalismo pode ser plenamente implementado. Ele é seu ponto forte, de tal maneira que seria a base do movimento ou do deslocamento que se realizaria da diferenciação para a singularidade.

Ultrapassar as racas e as culturas é o resultado cabal das subjetividades perversas e mesquinhas que caracterizam a configuração econômica e psíquica do inconsciente mega-urbano do planeta. Com esta trégua provida por um projeto de paz se pensaria na viabilidade de uma ação multicultural de coexistência das diferentes culturas e civilizações. O solo capitalístico, para

sustentar esta mudança, necessitará de total transformação. Enunciações deveriam ser identificadas e numa ação política pública, se daria início a um projeto pedagógico de guerra às subjetividades de exclusão do Outro. Este projeto multicultural, também se torna possível pela via dos devires étnicos, sexuais e geracionais que se constituam como atividades fundantes de novas semiotizações, isto é, de um novo regime de significação e de representação que instaure novos padrões da imagem do corpo.

Romper com os padrões de alteridade assentados nos agenciamentos capitalísticos é, sobretudo, subverter o processo maquínico produtor de linguagens, de classificações e de semiotizações. Este panorama significa, sobretudo, instituir novos cenários irradiadores destas semiotizações, agenciar novas linguagens e enunciar novos lugares, nos quais as falas étnicas e de gênero, se singularizem mediante novos devires, tornando substantivas a territorialidade dos referentes e das significações constituídas.

Com o cuidado exigido no trato dos problemas pertinentes ao campo, das culturas interétnicas devemos introduzir uma reflexão rigorosa que lance como objetivo indicar e destacar referências para a construção do campo da ação intercultural. Sob certos aspectos é também virar a página de nossa discussão concernente à pragmática do agir comunicativo, transportando-a para o nível micropolítico e saltar para o plano dos agenciamentos subterrâneos, distintos e singulares, que reificam e legitimam as possibilidades de reprodução dos agenciamentos capitalísticos.

Um panorama dinâmico das possibilidades acontecimentais pode conter cerca de quatro cenários, que tomaremos como hipóteses de trabalho para sugerir as formulações de socialidade e os jogos de força e de hegemonia em questão.

Um primeiro cenário deve destacar que se o multiculturalismo se constitui como uma possibilidade objetiva para que diferentes semioses culturais se realizem, este processo,

então, pode significar uma abertura tal, que sua projeção num devir, poderá pressupor a morte dos seus agentes nos quadros de uma enunciação coletiva, dissoludora e viciada. Tal fato marcaria sua ultrapassagem e superação total, na medida que seu despojamento dinâmico, indo em direção a um horizonte cósmico apontará para a pulverização dos componentes semiotizadores do seu próprio quadro de referencialização, e a geração de uma inerte uniformidade caótica.

Um segundo cenário, a contraface deste procedimento será a esquizoação. Semiotização duplamente articulada de signos, índices, símbolos, que referencializam o território próprio, como espaço-próprio, autônomo na geração de seus agenciamentos subjetivos em relação ao Mesmo e ao Outro. Não existe neste caso, um jogo hegemônico na linguagem, e, sim, sobretudo, o esquizofrênico desafio do duplo vínculo: a subjetividade do Eu e do Outro em suas singularidades e em sua fractal identidade.

Um terceiro cenário revela os agentes nativos das culturas ou subjetividades subalternas sendo obrigados a se tornarem, nos estados de realidades que habitam, sintoma de uma taxa de aculturação crescente, subsumidos na indústria cultural que se difunde irreversivelmente nas periferias capitalísticas, no plano do efêmero e do simulacro. Ficam obrigados a constituir ligeiras identidades, e não se fixam nem se fundamentam naquilo que poderia constituir o seu arké.

Tampouco ainda interage de forma integral, com efeito de realidade, mas isto sim, por força da contradição que este processo reserva, em especial através da escritura e da retórica visual. Pela via não verbal se fortalecem os vínculos que simulam a identidade com o real. Também por esta via, se oportunizam condições no jogo permanente de semiotizações que foram instituídas no social.

O quarto e último cenário deste social fragmentado de forma generalizada é a busca de um nexu integrador entre o mental

e o natural. Essa dinâmica em cena trabalha desde seu interior a construção da identidade, produzindo aquilo que está sendo denominado como uma mercadoria visual, fruto imediato desta poluição simbólica e do modo de produção de subjetividades.

O sistema mental possui a natureza fundida dentro de si, fundando um equilíbrio e uma harmonia entre si e a natureza. Este seria um procedimento concernente com o irremediável processo de meta-linguagens contraditórias que a comunicação visual na cultura contemporânea e urbana tem lançado. Este cenário constitui a dissolução total dos agenciamentos subjetivantes, das enunciações coletivas e também das semiotizações e simulacros que compõem esta paisagem visual urbana.

Gregory Bateson, assim formulou, na sua versão de paz e harmonia o resultado exultante de uma ecologia da mente, aqui compreendida como a capacidade de harmonização da mente com a natureza através do desenvolvimento intra-psíquico em direção à exterioridade sensorialmente percebida.

Estes são cenários de um devir que leva em conta diversos agenciamentos dos comportamentos coletivos numa situação de fractalidade generalizada que bem caracteriza este momento do pensamento e da vida urbana no planeta. Caberia ressaltar, no que concerne aos agenciamentos micropolíticos, que se tornam objetivos, que a rede daquelas semiotizações reterritorializantes, implicaria a realização de políticas públicas, que para nossa posição periférica se voltariam como contra poderes objetivos àquelas subjetividades capitalistas agenciadoras de esteriótipos. Seus enunciados e estratégias estariam direcionadas em, pelo menos, dois sentidos: primeiro, legitimando o processo de repatrimonialização e reterritorialização das culturas e, segundo, visando uma pedagogia da comunicação que dotasse os homens-sujeitos de plena compreensibilidade.

A partir destes dois tópicos podemos nos dirigir para outro terreno buscando encontrar discussões mais elaboradas e

desafiantes. Todavia não seria oportuno este desenvolvimento por agora. Interessaria, sobretudo nesta oportunidade, ensaiar cada uma das questões teóricas e políticas subtraídas do interior de cada um destes tópicos, e com isso aprofundar a discussão concernente à vida social num meio ambiente comunicativo e multicultural. O desafio está na constituição de um agir comunicativo que não viole os direitos fundamentais da produção simbólica e da diferenciação do Outro.

BIBLIOGRAFIA

- AFFERGAN, Francis - **Exotisme et Altérité - Essai sur les fondements d'une critique de l'anthropologie**, PUF, Paris, 1987.
- BATESON, Gregory - **Natureza e Espírito**, Publicações Don Quixote, Lisboa, 1977.
- CANEVACCI, Maximo - **Antropologia da Comunicação Visual**, Editora Brasiliense, São Paulo, 1990.
- DATES, Janette and Barlow, William (ed.) - **Split Image, African Americans in the Mass Media**, Howard University Press, Washington, D.C., 1990.
- GUATTARI, Félix - **O inconsciente maquínico - Ensaio de esquizo-análise**, Editora Papirus, São Paulo, 1988.
- HOETINK, Harry - **Caribbean Race Relations**, Oxford University Press, 1967.
- HODGE, Robert & Kress, Gunther - **Social Semiotics**, Polity Press, Cambridge, 1988.
- LARUELLE, François - **Théorie des Identités**, PUF, Paris, 1992.
- LEVINAS, Emmanuel - **Totalidade e Infinito**, Edições 70, Lisboa, 1980.
- LEVI-STRAUSS, Claude - **Raça e História** in Os Pensadores Editora Abril, 1976.

MAFFESOLI, Michel - Le Temps des Tribus - Le declin de l'individualisme dans les sociétés de Masse, Meridien Klincksieck, Paris, 1988.

MARTELART, Armand - La Communication - monde, histoire des idées et des stratégies, Éditions la Decouvert, Paris, 1992.

REX, John - Raça e etnia, Editorial Estampa, Lisboa, 1988.

RODRIGUES, Adriano Duarte - O campo dos media, Vega, Lisboa, s/d.